

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º a entrega	28.º Anno — XXVIII Volume — N.º 959	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Typ. do Anuario Commercial — Calçada da Gloria, 5
Portugal (franco de porte), m. forte...	3\$800	1\$900	\$950	\$130	20 DE AGOSTO DE 1905	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrangeiro (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



EMYGDIO NAVARRO



Chronica Occidental

Todos aquelles a quem pouco interessa a politica succede-lhes muita vez, até nos casos que mais andam debatidos em artigos de fundo e preocupam os governos, não ver senão certos lados em que mais as fraquezas humanas se revelam: ambições de riqueza ou poderio, ridiculos de vaidades. Discussões em que muitos se inflamam, n'outros apenas despertam, com um descrente encolher d'hombros, um sorriso irónico.

Mas na sessão de abertura das côrtes, em que uma das mais importantes questões havia logo de ser debatida, não podia ninguém olhar a sangue frio para o presidente do Conselho, ali tão cheio de responsabilidades e talvez com seu coração muito longe d'onde lhe mandava o dever ter seu espirito.

As galerias haviam-se enchido de espectadores curiosos. O sr. José Luciano de Castro tinha de explicar a ultima crise, e, quando se ergueu no seu logar pedindo a palavra, aproximaram-se d'elle os pares do reino e antigos deputados que assistiam á sessão, já sabendo de ante-mão que ficaria memoravel.

Logo pediram tambem a palavra, assim que o sr. José Luciano se referiu ás divergencias que houvera entre o governo e alguns membros da comissão de fazenda, os srs. João Pinto dos

Santos e Queiroz Ribeiro. A curiosidade ia crescendo. Todos sabiam que estes dois deputados iriam atacar violentamente o governo.

Ia chegar finalmente o momento que todos esperavam mais do que curiosamente e que muito fôra atrasado pelas propostas de lei lidas pelo sr. ministro de fazenda e a que a camara, ansiosa pelo debate sobre a crise, não prestou attenção alguma.

O sr. José Luciano disse os motivos da crise, elogiou o sr. Montenegro, successor do sr. Alpoim na pasta da justiça, e explicou o adiamento das côrtes pela necessidade de deixar acalmar a excitação de certos animos.

Não conseguiu talvez seus fins. O sr. João Pinto dos Santos, um dos mais antigos e melhores parlamentares das côrtes portuguezas, contou o que se passára na comissão de fazenda e, causando suas palavras na camara a maior impressão, declarou que o contracto dos tabacos envolvia o pagamento da divida a Reilhac.

Respondeu-lhe o sr. presidente do Conselho dizendo que se ha dinheiro para Reilhac não o paga o governo, não sai dos cofres publicos.

O presidente da camara, sr. Fialho Gomes, tendo aberto inscripção especial sobre o incidente da crise e suas origens inscreveram-se *contra* quinze srs. deputados de todas as politicas que ali tem representantes e apenas dois *a favor*, os srs. Antonio Cabral e Oliveira Mattos.

Eram sete horas da noite quando a sessão terminou, e, raras vezes, os curiosos d'estes espectaculos, muita vez interessantes pelo calor que tomam os politicos apaixonados, tiveram maiores razões para dar por bem empregados os incomodos do calor e do apertão. Foi viva a discussão entre o sr. ministro da fazenda e seu antigo secretario, sr. Queiroz Ribeiro, de tal ordem que bastará dizer a forma por que terminou, pedindo o sr. Espregueira desculpa a seu partido por haver escolhido aquelle secretario.

Vê-se como estiveram accesas as paixões e como o tempo, em vez de serenar-as, como dizia esperar o sr. José Luciano, talvez lhes viesse dando, dia a dia, combustível.

Nem tudo são rosas na politica, que é entre nós o mais poderoso chamariz dos ambiciosos. Alguns, apenas sahidos das escolas, é pela politica que logo sonham fazer seu caminho, subir ao poder, gosar-lhe das honras. Ninguém prevê que amarguras ha de encontrar; digam-o os velhos que por lá andam e se, nas poucas horas de satisfação que na carreira se lhes depararam, acharam compensação, pequena que fosse, aos dissabores. Consultem-se os velhos para maior segurança na resposta, mas quantos dos novos arripiaram carreira, mal ainda tentados os primeiros passos!

Para o sr. José Luciano de Castro, principalmente, deveriam de ter sido dolorosas aquellas horas em que tão atacado se viu, e por antigos partidarios, quando decerto seu coração estava n'esse tempo junto de seu irmão a expirar. A sorte foi cruel para com elle n'essa occasião; o debate havia de dar-se e os opposicionistas haviam de cumprir seu dever.

Uma hora antes de finda a sessão memoravel, fallecia, após prolongada doença, o sr. conselheiro Francisco de Castro Mattoso, juiz do Supremo Tribunal de Justiça, par do reino, antigo deputado. O cadaver foi transportado para Aveiro, onde o sr. Mattoso era estimadissimo.

Foi esta com certeza, uma triste coincidência e os momentos angustiosos que passou o sr. Presidente do Conselho, violentamente atacado, n'uma das questões mais importantes da sua vida

política, seriam d'aquelles que deixam no coração feridas que annos e annos não podem cicatrizar.

Tambem os contrarios ao governo n'esta celebre questão dos tabacos soffreram no mesmo dia uma das maiores perdas que mais deviam de temer.

Inesperadamente, sem que o proprio jornal *As Novidades* houvesse dado qualquer noticia que puzesse de sobreaviso os amigos e admiradores de seu redactor principal, falleceu em sua casa do Luso, o conselheiro Emygdio Navarro, que foi dos maiores no pequenino grupo dos grandes jornalistas portuguezes.

Desde ha muito, ainda quando precisava do maior descanso, ás vezes a paixão politica trazia-o novamente a campo, e ainda ha bem pouco, n'esta questão dos tabacos, uns artigos violentissimos, no jornal que dirigia, foram, senão applaudidos, pelo menos admirados por quantos os leram, tanto era soberba sua forma, ainda que verrinosa, tão vernacula sua linguagem.

Emygdio Navarro foi das grandes intelligencias portuguezas nos tempos modernos. Foi ministro de Estado e a elle se devem as escolas industriaes as obras do porto de Lisboa e uma grande protecção á agricultura. Em Paris exerceu as funcções de ministro portuguez, junto do Presidente da Republica.

Mas é o jornalismo quem mais deve enlutar-se n'esta occasião, que era elle o melhor dos seus melhores ornamentos. Aos nossos amigos, filhos e genro de Emygdio Navarro, e aos nossos collegas das *Novidades*, enviamos os nossos muito sentidos pezames.

A opposição politica ao actual ministerio perdeu no conselheiro Navarro um dos seus melhores generaes; mas não murchará por isso a continuação da lucta, empennados como estão em vencer o governo, muitos e bons jornalistas e alguns dos homens de maior renome na politica portugueza.

E' no mez de agosto, quando os calores mais intensos costumam começar, que as cortes se reuniram novamente, dizem alguns que para breve serem dissolvidas, contando outros com a discussão immediata do grande numero de projectos que vão ser apresentados, de grande importancia alguns.

Não fôra isto, o mez correria sem que outro assumpto houvesse que pudesse tornal-o lembrado, assim que elle desaparecesse nas trevas do tempo. Nem um pontinho luminoso levaria consigo por onde, a certa distancia, o pudéssemos ainda distinguir entre os seus companheiros de outros annos.

As distrações em Lisboa são quasi nullas agora que os festivaes da Estrella acabaram, os theatros estão todos fechados e só a feira de Belem atrahê curiosos.

Nas praias, sim, os clubs enchem-se todas as noites; n'umas salas dança-se e nas outras, apesar dos avisos do sr. juiz Veiga, joga-se o monte e a roleta, ao som dos sextetos, a celebrar namoros e carambolinos.

Lisboa está quasi deserta de todo, e á tarde, tendo já havido algumas que lembram a aproximação do outomno, o Chiado, o Rocio, a rua do Ouro, parecem serenas cidades da provincia, tal seria sua quietação, se não fosse o telintar constante das campainhas dos electricos.

El-rei sr. D. Carlos, que veio do Algarvo no *yacht* real *D. Amelia*, partiu para Cintra, esperando a chegada da familia real, que esteve no Bussaco, acompanhada pelo duque de Montpensier e a princeza Luiza de Orleans.

O verão em Lisboa corre serenamente. Alguns aproveitam-o bem, em estudos de que muito ha a esperar, porque accende sentimentos que se iam apagando. E' assim que as visitas ultimamente feitas ás ruínas do Carmo, depois da conferencia do sr. Agostinho Fortes, talvez ajudem a evitar a continuação dos sacrilegios ali commettidos e a vergonha de passarmos aos olhos dos estrangeiros como um povo completamente esquecido de suas glorias, o que é o mesmo que dizer indigno d'ellas.

JOÃO DA CAMARA.

EMYGDIO NAVARRO

No Bussaco, que elle tanto amava, por que á sua alma grande ajustava-se bem toda aquella grandeza, no dia 16 do corrente, cahiu fulminado pela morte Emygdio Navarro, como fulminados pelo raio tem cahido muitos dos grandes robles da secular máta, em que elle era tambem da mesma estatura moral.

Jornalista e homem de Estado; no jornalismo foi literato; no Estado foi estadista; nem de todos se pôde dizer o mesmo. Ha jornalistas sem litteratura, o mesmo é dizer sem arte. Ha ministros sem ideias e sem acção, o mesmo é dizer sem serem estadistas.

Emygdio Navarro foi completo em uma e em outra cousa. Na Imprensa foi o oraculo, que todos queriam ouvir para formar seu juizo; no governo deixou sua passagem assignalada por leis que seus successores respeitaram e que de proveito indiscutivel tem sido para o paiz. Quando outras não citemos bastará lembrar o estabelecimento das Escolas Industriaes, cujos resultados se tem traduzido no desenvolvimento e melhor orientação do trabalho nacional.

Emygdio Navarro era beirão, nascido em Vizeu a 19 de Abril de 1844; por seu pae André Navarro, natural de Alicante, girava-lhe nas veias sangue hespanhol; por sua mãe D. Carlota Joaquina do Carmo Machado, natural de Guimarães, participava de sangue portuguez.

Se a paternidade se reflecte mais nas filhas e a maternidade nos filhos, certamente que de sua mãe herdara mais o caracter bem portuguez que o distinguia a pâr da brilhante inteligencia que illuminava seu espirito.

Foi difficil a sua mocidade como trabalhosa foi sua vida. Luctando com difficuldade se formou em direito, estudando e trabalhando para se manter. Emquanto os seus condiscipulos folgavam, elle fazia as sebatas que mal lhe pagavam seu trabalho, e já então ia escrevendo nos jornaes da terra com desusado brilho, que mais tarde o consagrou jornalista de raça, como não houve outro nos nossos tempos.

Diz-se que ninguem é indispensavel, é certo, mas tambem é verdade que com este derruir d'homens tambem vão derruindo as cousas que elles sustentavam.

De Emygdio Navarro se pôde dizer isto com toda a propriedade.

Da falta de muitos homens o mundo tem soffrido, quanto mais as sociedades. Emygdio Navarro não se substitue e por isso a sua falta será grande no jornalismo portuguez, como a seria na imprensa de qualquer paiz em que elle escrevesse.

Luctador da penna ia até ao fim sem hesitações, ainda que para isso tivesse que a depôr o tempo de se bater, como mais de uma vez lhe aconteceu.

E se assim era escrevendo não o era menos fallando, qualidades que raras vezes se reúnem n'um mesmo individuo.

Antonio Rodrigues Sampaio foi outro grande jornalista portuguez, como todos devem saber, mas no parlamento a sua palavra era pouco menos que mediocre, comparada á fluencia e ar-rojo da sua pena.

Emygdio Navarro no parlamento, onde tomou assento de 1879 a 1901, não era menos fluente nem menos vigoroso do que na imprensa.

Ainda estudante, dissémos, principiou a escrever para a imprensa; n'uns folhetins do *Conimbricense* apparecem seus primeiros escritos sobre o drama Frei Caetano Brandão, de Silva Gayo; com Simões Dias e Lopes Praça funda um semanario litterario e scientifico *A Academia*, que deixou boa memoria de si. Quando da fusão dos partidos historico e progressista, Emygdio Navarro é convidado a escrever no *Jornal de Coimbra*, e dentro em pouco era redactor principal d'esta folha, onde os seus artigos faziam epoca.

Quando, em 1869, concluiu a sua formatura, retirou de Coimbra para Bragança onde estabeleceu banca de advogado, mas aquelle meio era estreito para seus vãos e por isso chegou um momento em que veio até Lisboa, onde se filiou no partido progressista, e entrou para a redacção do *Paiz*. Pouco depois fundava Antonio Ennes o *Progresso* e Emygdio Navarro collaborava na parte politica. Do *Progresso* passa a fundar o *Correio da Noite*, jornal a que deu nomeada em breve com o brilhantismo de seus artigos.

Emygdio Navarro chegou a escrever em tres jornaes diarios ao mesmo tempo; o *Progresso*, o *Correio da Noite* e o *Primeiro de Janeiro*, e em todos tratava diferentes questões com aquelle conhecimento e competencia que o caracterisavam.

Assim elle foi um esteio poderoso do seu par-

tido, um luctador temivel para o qual não havia adversario que não podesse cantar victoria.

Os azares da politica levaram-no um dia a apartar-se do partido em que sempre militara e, nas *Novidades*, que já então tinha fundado, a sua penna correu livremente, orientando a opinião publica, que elle, como ninguem, sabia conduzir e impressionar.

Não é preciso insistir n'este ponto. Todos, por assim dizer, fomos suggestionados pelo grande espirito d'aquelle jornalista que ora baixou ao tumulo.

De poucos dias é ainda uma das grandes campainhas que elle sustentou e de que mal feridos estão ainda seus contendores.

Eis o homem publico cuja morte, infelizmente, tem de ser registada hoje nas paginas d'esta revista.

GAETANO ALBERTO.

AS ESQUADRAS INGLEZAS EM LAGOS

O ALMIRANTE BERESFORD

Concluíram suas manobras e já sahiram da bahia de Lagos as esquadras inglezas que ali se haviam reunido, na força de uns quarenta navios.

A Inglaterra mais uma vez ostentou sua força naval como a primeira potencia maritima, e os exercicios que seus navios fizeram nas costas de Portugal provaram bem a pericia de seus marinheiros.



ALMIRANTE BERESFORD

Foi o almirante Beresford, commandante em chefe das esquadras reunidas, que dirigiu os exercicios, confirmando os bons creditos de superior official de marinha de que ha muito goza na armada ingleza, ao serviço da qual tem encanecido seus cabellos.

A ESCOLA NACIONAL

Entre os institutos particulares de ensino, em Lisboa, occupa um dos primeiros logares a Escola Nacional, fundada ha 35 annos pelo sr. Barros Proença, um devotado á educação da mocidade e n'este sacerdocio encanecido.

A Escola Nacional, por ser dos mais antigos estabelecimentos de ensino, nem por isso deixa de acompanhar todo o movimento moderno, todos os progressos que a pedagogia tem alcançado nos ultimos annos, toda a evolução realisaada tanto na educação moral e litteraria, como na educação phisica e pratica.

Valha-nos a iniciativa particular, já que os programmas officiaes teimam em ser conservadores com grave prejuizo da mocidade ser educada para ganhar a vida, para ser util e prestante, e não para vegetar e engrossar esse exercito do prole-

tariado intellectual que asoberba e assusta a nossa sociedade.

Valha-nos a iniciativa particular, ainda que mais ou menos subordinada ás disciplinas decretadas, mas procurando avançar quanto pôde, em benefício dos educandos moral e physicamente.

A Escola Nacional está hoje n'este campo e pôde considerar-se um estabelecimento modelar como o tem sido desde a sua fundação á medida do progresso dos tempos.



AUGUSTO OSCAR D'OLIVEIRA ABREU
Um distincto alumno da Escola Nacional

E' o que se pôde vêr dos honrosos quadros do movimento escolar, expostos nas salas do palacio da Annunciada, á rua de S. José, onde actualmente está installada, sob a direcção technica do sr. dr. Adriano Xavier Cordeiro, que com toda a competencia substituiu o sr. Barros Proença.

O sr. dr. Adriano Xavier Cordeiro é ainda novo, pois nasceu a 9 de janeiro de 1878, em Ponte de Lima. Fez um brilhante curso na Universidade de Coimbra, onde se formou em direito, em 1902, sendo nomeado sub-delegado do Procurador Regio, em julho de 1905, na comarca de Lisboa, deixou este logar para seguir a advocacia.

Fez concurso para delegado do ministerio publico, obtendo classificação distincta. Igual classificação obteve ultimamente no concurso que fez para notario.

O sr. dr. Xavier Cordeiro, alem da direcção technica da Escola Nacional, tomou a seu cargo as disciplinas de historia e geographia.

Escriptor distincto, dirige o Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro e tem collaborado em diversas revistas litterarias e scientificas sob varios pseudonymos.

Estas simples notas biographicas bastam para demonstrar a capacidade do novo director tecnico da Escola Nacional, e o quanto elle concorrerá para desenvolver o ensino sob os pontos de vista mais modernos, o que é a melhor garantia para os estudantes e para suas familias.

Se a isto acrescentarmos que a Escola Nacional está dotada com um corpo docente numeroso e escolhido para todas as disciplinas dos lyceus e ainda para as de iniciativa particular, como são os exercicios phisicos, da gymnastica, a esgrima e outros jogos d'armas, etc., temos um estabelecimento modelar, porque a educação litteraria e physica mais completa, ha attender a educação moral, cuidadosamente ministrada, a disciplina escolar perfectamente mantida, a hygiene e a alimentação dos alumnos escrupulosamente dirigida.

Alem dos professores que figuram na gravura da pag. 180, copia de uma photographia tirada em março d'este anno, ha ainda mais os seguintes: srs. Augusto Cesar Maduro, professor do 2.º grau, M.ºle Emil Rogusky de Ortojes, pro-

fessora de francez pratico e Misse L. Smith, professora de inglez pratico.

A parte administrativa está confiada ao director sr. Joaquim da Encarnação e Sousa, de provada competencia.

Folgamos de poder apresentar a nossos leitores mais um estabelecimento modelar de ensino como é a Escola Nacional, onde tantos homens, que hoje occupam na sociedade posições distinctas, ali foram educados.

HENRY FAURE

Pertence este nosso amigo a uma nação que possui incontestaveis virtudes, que a tornam sobremaneira sympathica, principalmente a nós, seus quasi irmãos, pela raça latina de que todos herdámos algumas qualidades e defeitos; mais do que irmãos, seus quasi naturaes, pelo entusiasmo com que temos seguido as suas ideias e costumes, as suas modas como a sua intellectualidade cheia de brilho.

Não conhecemos um escriptor d'outro qualquer paiz — aparte, é claro, uma minoria de intellectuaes — sem que a França lhe ponha o visto no *passaporte da sua obra*; não consagramos nenhum actor que Paris tenha desdenhado; não somos bastante corajosos para acharmos bom aquillo de que a França tenha riído, na sua primeira impressão de levandade gauleza.

Não ha muitos annos representou-se em Paris o *Frei Luiz de Sousa*, e, por mal traduzido ou mal comprehendido, Paris classificou-o de dramalhão sem valor — e riu... Tanto bastou para que alguns portuguezes lhes dessem razão e desdenhassem, por sua vez, a obra prima de Garrett como coisa vulgar — só aproveitavel em *casa de cegos*...

Não temos confiança nas nossas superioridades — que as temos como toda a gente — e não tentámos convencer os outros da nossa razão e da sua ignorancia.

Os elogios não nos envaidecem, porque estamos desconfiados de que sejam falsos; e ás criticas encolhemo-nos com receio, como a pessoa convicta da sua inferioridade, emudece e se perturba a qualquer observação, embora com a certeza de que não está em erro. Pois é preciso ter orgulho; o qual, não passando os limites da fanfarronada, é uma garantia, tanto no individuo como nas nações, de que se conservará um alto nivel moral.

Pois a França não paga, em geral, com muita generosidade o quasi fetichismo que lhe votámos.

Embora politicamente a nossa alliança seja com a Inglaterra, a nossa verdadeira alliança intellectual é, sem duvida, a França. Se encontrou quem a estimasse entre nós, mesmo quando trazia as suas ideias de liberdade envoltas nas bandeiras arrogantes de conquistadores!...

Que nos importa que a Inglaterra tenha mais bom senso e nos encha o mercado com os productos da sua industria, levando-nos em troca as nossas fructas, os vinhos e outras mercadorias; que importa que seja a *nossa fiel alliança* de seculos e os seus filhos tenham, individualmente, grandes qualidades, se toda a nossa sympathia vae para a alma franceza, que nos encanta com o seu espirito, a sua alegria e a sua generosidade?!

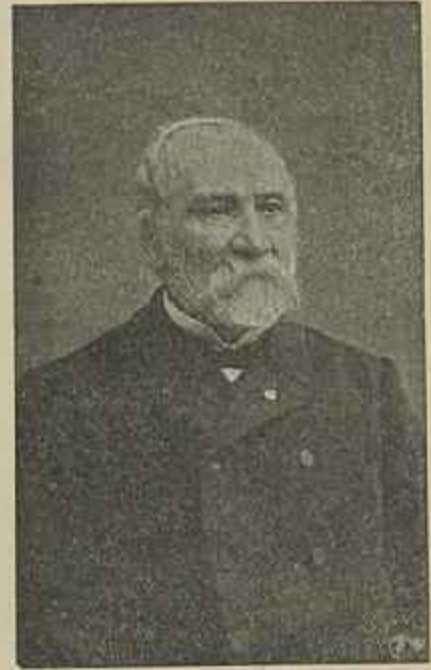
A França, sem pensar nisso, só porque nós a amámos, tem no povo portuguez um verdadeiro alliança. A Inglaterra tel-o ha no futuro, talvez, mas só quando quizer sahir do seu orgulho e rigidez *britannica*, e aprenda a conhecer-nos melhor, desculpando os nossos defeitos que têm um bello reverso de qualidades...

E se nós entendemos que é tempo de acabar esta servidão intellectual do povo portuguez, como é tempo de acabarem todas as servidões, que inferiorizam os povos como as criaturas, é certo que a França tem predicados que forcem a admiração de todos os outros povos, principalmente quando, como nós, lhe encontram qualidades e defeitos que a irmanem.

Mas, para que o nosso affecto seja apreciado, para que a nossa admiração seja consciente, andariamos muito mais avisados — parece-me — nacionalisando-nos pela educação e pela vontade, tomando conhecimento das nossas superioridades, que as temos incontestaveis, honrando-nos com ellas e impondo-as assim á admiração e consideração dos outros povos.

A França, em geral, paga-nos mal o nosso affecto; desconhece-nos, esquece-nos, e troca-nos ás vezes; mas alguns espiritos ha nesse grande paiz que nos estimam e desejariam ver-nos conhecidos, que tanto valeria dizer estimados — na affirmacão amavel desses poucos.

Mas, mais do que os francezes, são culpados dessa indiferença e esquecimento em que nos têm, os portuguezes e brazileiros que habitam Paris — e não são poucos — que possuem o defeito muito portuguez de desdenhar as coisas nossas, e rirem-se, primeiro do que os outros, do que lhes parece menos vincado pela civilização cosmopolita que veneram.



HENRY FAURE

Pois mr. Henry Faure é, entre os poucos que em França nos conhecem e estimam pelo que somos, um dos mais valiosos e constantes amigos. Ao contrario de muitos dos seus patricios, que só acham valor ao que lhes pertence, orgulhando-se até da ignorancia em que vivem dos outros povos, como dum alto merecimento, mr. Faure conhece a nossa litteratura como poucos, e não deixa de lêr e traduzir uma lingua que estudou por curiosidade.

Certamente influiu na sympathia que nos vota a estada aqui de seu pae, que veio numa das invasões, como conquistador, e ficou largo tempo como amigo, levando da nossa proverbial hospitalidade gratas lembranças.

Talvez tambem tenha influido no pendôr do seu espirito o terem-lhe aqui ficado alguns membros de familia, que já reclamámos como nossos compatriotas, apesar do seu nome francez...

O que é certo é que o nosso amigo não esqueceu nunca a lingua, que seu pae deve ter aprendido por necessidade — porque no principio do seculo XIX poucas eram as pessoas que falavam o francez no nosso paiz, fora da corte ou de raros intellectuaes espalhados pelas provincias — como não esqueceu nem deixou de amar o paiz de cujas bellezas naturaes e amorabilidade de tracto lhe povoaram a imaginação infantil, como historias de fadas.

Mais tarde, homem feito, visitou Portugal, que lhe mereceu delicadissimas estrophes, de que devemos destacar a descripção da praia de S. Pedro de Moel, cantinho perdido entre pinhaes, branco areal onde o Oceano se espreguiça ou braveja, sem assustar as burguesinhas galantes que tomam os seus banhos em praias da moda, deixando as melhores aos pescadores, ás gai-votas e aos poetas... que por isso ella agradeu tanto ao distincto poeta, que é, mr. H. Faure.

Mas não só como poeta o devemos apreciar, pois tambem como erudito tem dado as suas magnificas provas, sendo a ultima a *Historia de Mou-lins*, a terra historica onde repousa o duque de Montmorency. Trabalho de muito folego, escripto com a consciencia do verdadeiro erudito, quantas vezes o nosso bom amigo não chegou a pensar que o não levaria ao fim! Mas tudo sacrificou, até o natural desejo de viver os ultimos annos junto dos filhos e netos — a sua maior alegria — para estudar os velhos documentos e procurar toda a verdade historica na propria localidade.

E apesar disso não se esquecia de nós; o seu bello espirito, sempre vivo, sempre attento aos nossos sentimentos, como as datas que glorificavamos, não deixou de nos acompanhar com a

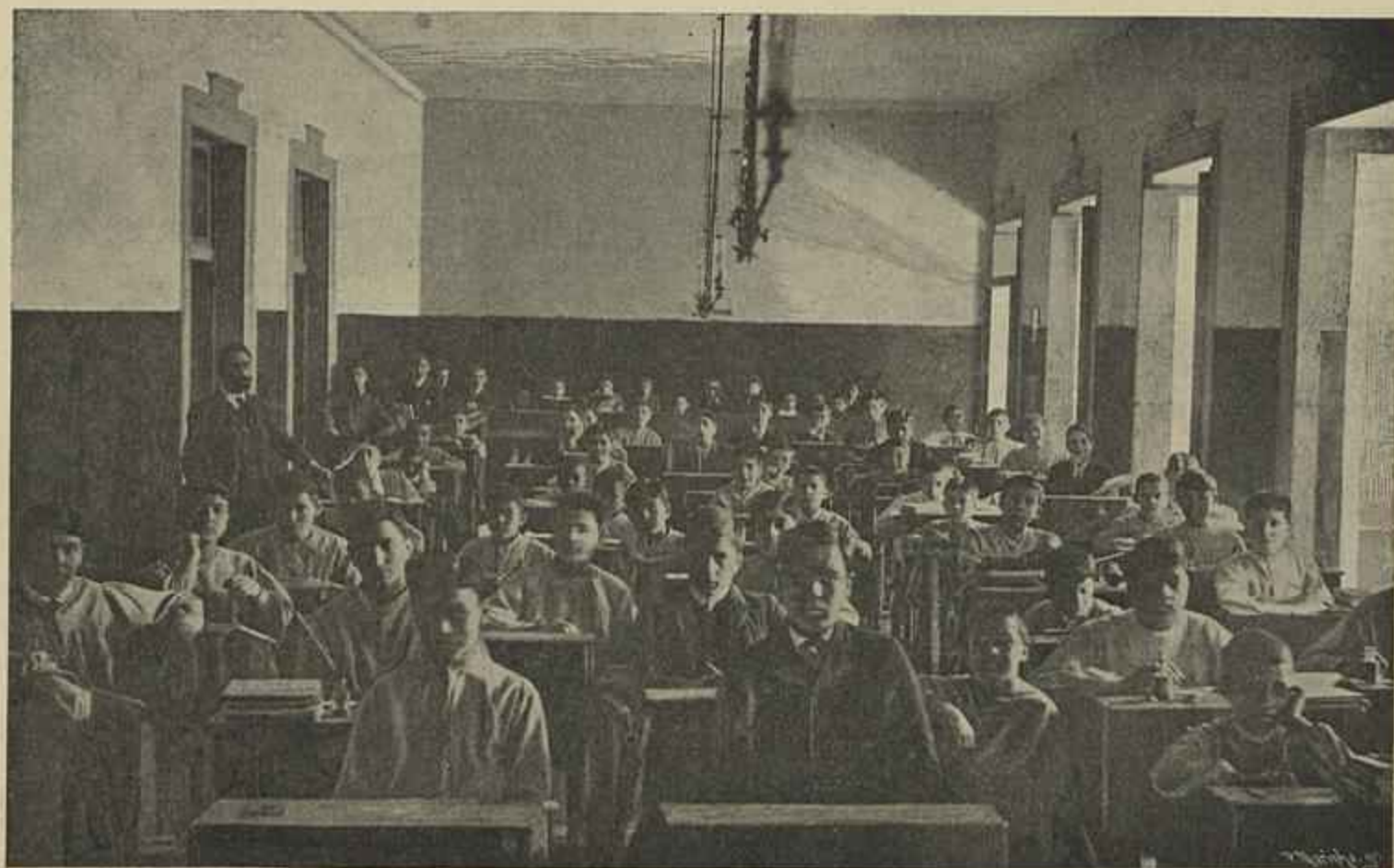
Escola Nacional



CORPO DOCENTE

PRIMEIRO PLANO. — Moraes Leitão, prof. de desenho. — Lima Duque, prof. de portuguez commercial. — D. Laura Encarnação e Sousa, pro. ajudante da classe infantil. — Carvalho Esmeraldo, prof. de calligraphia. — Encarnação e Sousa, director-administrador. — Norton Falcão, prof. de mathematica. — Dr. Xavier Cordeiro, director-technico. — José de Sousa, prof. de geographia e historia. — D. Carolina Maia, prof. da classe infantil. — Sousa Barbosa, prof. do 1.º grau.

SEGUNDO PLANO. — Ivo de Carvalho, prof. de Sciencias Naturaes. — Antunes Godinho, prof. de portuguez. — Olympio dos Santos, prof. de inglez e allemão. — Pereira Santhiago, prof. de latim. — Adolpho Benarus, prof. de francez. — Dr. Antonio Eduardo da Silva, prof. de contabilidade commercial e escripturação. — Dr. Macedo, medico da escola. — João Roubou, prof. de gymnastica.



UMA AULA

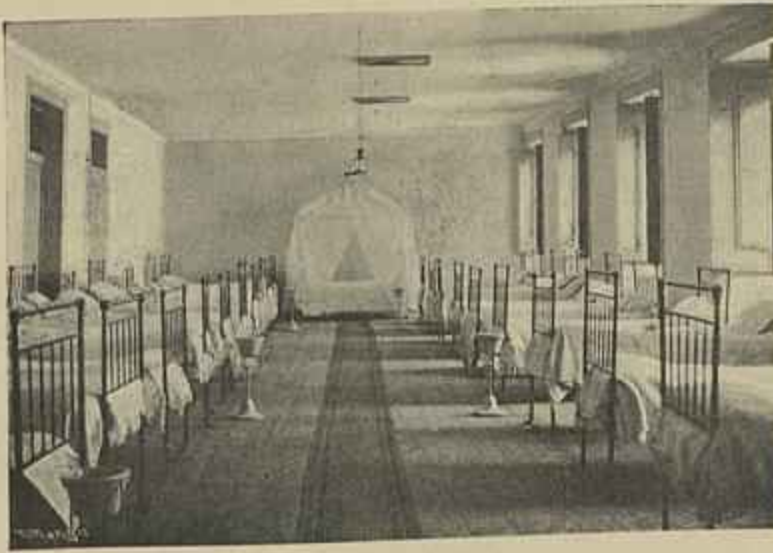
Escola Nacional



JOAQUIM DA ENCARNÇÃO E SOUSA
DIRECTOR-ADMINISTRADOR



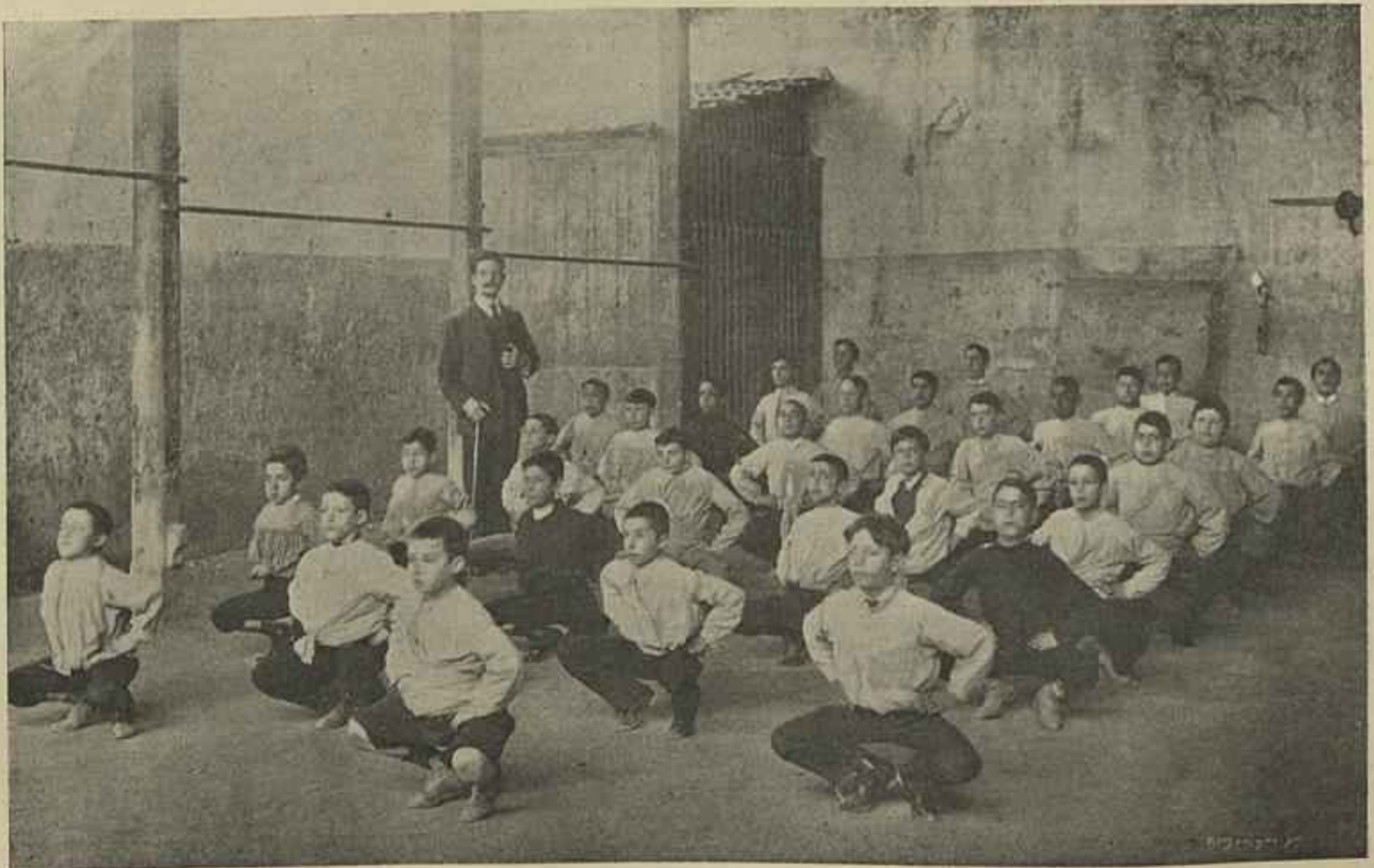
DR. ADRIANO XAVIER CORDEIRO
DIRECTOR TÉCNICO



UM DORMITÓRIO



REFEITÓRIO



EXERCÍCIOS DE GYMNASTICA

sympathia — que lhe merecemos — com a bondade e tolerancia — que não lhe merecemos — pelo pouco que lhe temos feito em troca do immenso que nos tem dado

Patriota fervoroso, desses que poucos paizes têm como a França, cheio de entusiasmo pelas suas glórias, amando e respeitando o exercito como fiador da honra e da altivez da sua patria, o seu coração sangra ainda pelo desastre de 70, inspirando-lhe um drama *Dans les Vosges*, cuja acção decorre durante a invasão. Essa guerra, que foi, apesar de tudo, uma gloria para o paiz que em pouco mais de trinta annos de republica chegou aonde não tinha ainda chegado no conceito das outras nações, nem quando Napoleão despresava direitos e calcava os povos para impôr a aguia dominadora da sua França. Então subjugava povos, que se revoltavam; e hoje impéra nos espiritos, que de motu proprio a procuram imitar e a amam.

Mr. Henry Faure não esquece tambem que descende do alegre e frívolo povo que povoou a Gallia, e por vezes, por isso, compraz-se a fazer obra de espirito leve e de alegria franca, como, por exemplo, a disputa entre o claro e leve Champagne que faz estalar as rolhas das garrafas e esfusiar o riso, e o vermelho e grave Borgonha que entenece a alma e faz chorar os mortos, mas que por fim se ligam muito bem no hymno à mãe commum, a velha e querida terra da França...

E, como esta, muitas outras phantasias, como trabalhos sérios tem produzido a sua penna sempre laboriosa e sempre fresca. Mas não nos podemos alargar, como seria nosso gosto, no estudo detalhado da sua obra original, porque temos de falar no traductor que tem sido dos nossos escriptores, dos maiores como dos mais humildes, que todos encontram acolhida no seu grande e generoso espirito.

Camões, Garrett e Herculano, os mestres supremos, encontraram nelle uma alma que lhes conheceu as bellezas e as passou á sua lingua.

A *Jeune fille au rossignol*, nome que deu ao episodio da *Joanninha do Valle*, das *Viagens da minha terra*, publicou-se em francès, pelo centenário de Garrett, e é um verdadeiro mimo bibliographico. Mas, coisa estranha, em Portugal que se não lê senão o que a França nos exporta ou indica, ninguem se importou com o trabalho de um francès que tão altamente servia a nossa litteratura. *Raça de ingratos*, nos chamou o épico. E não ha negar a verdade da sua sentença!

Nessa occasião porém foi salva a honra da patria, por que meia duzia de subscriptores garantiram ao editor que a obra se podia fazer — e fez-se.

Ha pouco ainda, traduziu, sob o nome de *Leonor Telles*, aquella soberba lenda de Herculano «Aras por fóro de Hespanha» em que o vulto da mulher de João Lourenço surge num fundo de sangue e lucto, figura que Shakespeare não desdenharia introduzir nas suas tragedias.

A *Senhora de Brabante*, a admiravel synthese do amor materno, que Gomes Leal nos deu nos mais perfeitos e sonoros versos, teve nelle o seu traductor, como Pinheiro Chagas, o mallogrado talento a quem a politica e as exigencias materiaes da vida inferiorisaram o trabalho, que tinha talentos e conhecimentos para fazer dos mais superiores, teve em Mr. Henry Faure um incançavel traductor.

Alice Moderno, a distinctissima poetisa, um pouco francèsa por sua mãe, tem mutuado traducções com o nosso illustre amigo, que os honram a ambos.

E tantos e tantos outros poetas e prosadores que lhe devem os primôres da sua boa vontade e da sua muita e intelligente actividade. Não é muito para admirar que tenha eu tambem que agradecer-lhe, e não será para estranhar, creio, que o faça publicamente, acompanhando o seu retrato d'estas linhas ao correr da penna, em que só lhe quero provar o quanto o estimo pessoalmente e como me sinto honrada com a sua amizade, além do muito que lhe agradeço, como portugueza, o interesse que tem mostrado em tornar conhecida em França a nossa litteratura.

Tarefa ingloria, pelo menos pela nossa parte, pois a modestia do nosso nome pouca honra pode levar ao traductor.

Como vemos, mr. Henry Faure é infatigavel e ninguem dirá, ao saber-o tão vigoroso para o trabalho, tão cheio de esperanza no futuro e de paciencia para as delongas dos editores, que é já o avô querido dos dois pequeninos encantadores Henry e Mireille, os primitos que são irmãos na graça e na belleza. E' o que nos dizem as photographias offerecidas á «amiga dos bebês» a qual espera que elles venham tambem a ser bons e leaes amigos da terra que tão carinhosamente

acolheu o bisavô. Não de sel-o, estou certa, pois lhe bastará lêr a obra do avô querido, e saberem o quanto elle é amado pelos portuguezes agradecidos.

ANNA DE CASTRO OSÓRIO.

LITTERATURA RUSSIANA

O TENENTE JERGUNOFF

POR

IVAN TURGENJEW

XIV

O fusco semblante pegou desde logo a rir, acto continuo brilharam uns dentinhos alvos de néve, empinou a cabecita, e sacudindo o anelado cabello manifestou-se no pleno incanto da sua fina e acre formosura.

— Donde sahiria este diabrete? disse consigo Kusma Wassiljewitsch, e acercando-se ainda mais da joven, disse-lhe a meia voz:

— Olá, pequena, quem és tu?

— Por aqui, por aqui, replicou a pequena em voz algo abafada, e mal segura, articulando com difficuldade e com accento estrangeiro, e entretanto, recuava uns passos...

Kusma Wassiljewitsch transpôz atrás della o limiar da porta, e encontrou-se em um cubiculo sem jânêla, cujo soalho desaparecia sob uma alcatifa de lã de camêlo.

Predominava um forte arôma a almiscar; sobre uma mêsã redonda, junto da qual estava uma pequena otomana, ardiam duas velas de cêra amarella. A um canto, encoberto por cortinas de cassa com laçaria de seda, um leito, e á cabeceira deste estavam dependurados uns compridos roza-rios de ambar, com borlas vermelhas nas extremidades.

— Mas não me dirás afinal, quem és? insistiu Kusma Wassiljewitsch.

— Irmã, dellá, irmã da Emilia.

— Ah, és sua irmã? E moras aqui?

— Sim... sim.

Kusma Wassiljewitsch quiz agarrar a pequena. Esta porem esquivou-se-lhe.

— Como se explica então o ella não me haver nunca falado em ti?

— Não convinha — não convinha...

— Com que então, estás escondida?

— Estou.

— E tens motivo especial para te esconderes?

— Tenho, ... tenho...

— Hum?... hum...

Kusma Wassiljewitsch tentou outra vez acercar-se da pequena, ella, comtudo, recuava sempre.

— E o caso é que, até agora, nunca te tinha visto. E devo confessar que nem suspeitava sequer a tua existencia. E esta madame Fritsche, esta velhota, é effectivamente tua tia?

— E... minha... é.

— Hum!... E como te chamas, então, antes que eu mal pergunte?

— Colibri.

— Como?

— Colibri.

— Colibri!? Que nome tão estranbolico! Se não estou equivocado, existem lá por essa Africa uns insectos com esse nome.

XV

Colibri soltou uma gargalhada, breve quanto singular... era como se lá por dentro, se houvessem contundido uns vidros. Bamboô a cabeça, e desviou o olhar, depôs a guitarra sobre a mêsã, endireitou rapidamente para a porta e fechou-a, movia-se com singular agilidade, com ruido apenas perceptivel, tal qual um lagarto; o cabello lançado por cima dos hombros chegava-lhe abaixo dos joelhos.

— Por que é que fechaste a porta? perguntou Kusma Wassiljewitsch.

Colibri levou um dedo aos labios.

— A Emilia... não é cá precisa.

Riu-se Kusma Wassiljewitsch.

— Terás tu ciúmes d'ella?

Colibri arregaçou muito as sobrancelhas.

— Que é que diz?

— Pergunto se serás ciumenta?... se estás zangada com ella... explicou Kusma Wassiljewitsch.

— Pudêra não!

— Muito me contas!... E' uma honra, sim, senhora... Ouve lá, que idade tens tu, afinal?

— Sete e mais dez.

— Queres dizer: dezeseite?

— Sim.

— Kusma Wassiljewitsch pôs-se a considerar a collocutora com olhar insistente.

— Que rapariga tão linda que tu és! proferiu sorrindo. Um verdadeiro primor de formosura, na verdade! Que lindo cabello! E estes olhos! E as sobrancelhas... as sobrancelhas... Ah!...

Colibri pegou outra vez a rir, e aquelles olhos preciosos não estavam quietos um momento.

— Sou uma belleza, já se vê que sou!... Sen-te-se aqui!... que eu tambem me sento ao pé do senhor.

— Perdão, perdão... mas se me é licito insistir, como podes tu ser irmã da Emilia? Não existe a minima pareçença...

— Não... não... irmã, não... prima... pégue lá, florzinhas... tão bonitas... cheiram tão bem!...

Tirou do seio um raminho de lilazes brancos, aspirou-o, arrancou a dente uma folha e deu o ramo ao tenente.

— Quer confeitos?... Muito bons... de Constantinopola... Sorvete?... Sorvete?...

Colibri tomou de cima de uma commodazinha uma primorosa bocêta dourada, chapeada de aço brunido, que estava embrulhada em um tecido vermelho, a modo de seda, uma colhêrzinha de prata, um frasco de cristal lapidado, cheio de agua, e copo da mesma feição.

— Gosta de sorvete, meu senhor? E' delicioso!... Vou cantar-lhe seja o que for... Não quer?

— Tambem sabes cantar? perguntou Kusma Wassiljewitsch, levando á boca uma colher do realmente primoroso sorvete.

— Sei, sim.

Sacudiu para trás a juba, inclinou a cabeça para um lado, fitando os olhos nas pontas dos dedos e no braço da guitarra... Acto continuo, principiou a cantar em voz maviosissima, porem muito mais forte do que era de esperar de corpinho tão fraquito; e comtudo, a sua voz soava aos ouvidos do nosso tenente com accento um tanto selvatico.

— Ora o dêmo da pequena! dizia consigo o tenente.

Era triste a sua canção; não era russa a melodia, e Kusma Wassiljewitsch não acertava a perceber em que lingua era a letra da canção. De onde em onde repetia o bordão: — *cha-cha* — e rematou em tom arrastado: — *Sindomar-Sinçimar* — ou coisa parecida. Depois, encostou a cabeça á mão, soluçando intensamente, e deixou escorregar pelos joelhos a guitarra.

E' tão bonita, não é verdade? perguntou — Quer que lhe cante mais outra?

— Com mil vontades — retorquiu Kusma Wassiljewitsch, mas por que pões tu uma cara tão pungida. Que quer dizer esse olhar tão triste?... Não queres uma colhêrzinha de sorvete?

— Não, não, é só para o senhor... eu cá, vou cantar outra... esta agora é mais alegre.

E entoou outra cantiga a modo de toada para bailar, e ainda na mesma lingua inintelligivel. Retiniam novamente aos ouvidos do nosso official uma tempestade de gritos guturales. Os dedos da juvenil creatura deslisavam com a rapidez do relampago pelas cordas da guitarra, — «como aranhas». E desta vez rematou com o alegre bordão: *Ganda ou Gapa!* Batia no sobrado com o saltinho de pião, e como que choviam faiscas daquelles olhos bravios.

Kusma Wassiljewitsch estava embasbacado! — Andava-lhe á roda a cabeça. — Tudo aquillo lhe surdara tão inopinadamente... e dali, aquelle perfume, aquella canção... aquellas luzes á hora do dia... o sorvete de baunilha... E Colibri a chegar-se para elle, cada vez mais, o cabello a brilhar e rescendente... e emanava com tão suave calor aquelle corpinho!... E depois, a expressão melancolica daquelle semblante (a propria *Russalka!**) dizia lá consigo Kusma Wassiljewitsch. — Sentia um certo mal estar...

— Meu amorzinho, emitiu, donde te veiu essa ideia, de me atrahires para aqui, a sós comtigo, neste cubiculo:

— O senhor é rapaz e é bonito... muito bonito. E são esses assim que me agradam.

— Estamos servidos! Mas que ha-de dizer a Emilia? Escreveu-me, e não tardará por ahí...

— Não lhe diga nada... nada!... ouviu? Quando não, quem a aturaria! Era capaz de me bater! Kusma Wassiljewitsch desatou a rir.

— Pois quê? Ella é má a esse ponto? Colibri pôs uma cara muito seria e meneou repetidas vezes a cabeça.

— E tambem não vá dizer nada a madame Fritsche! Nada, nada, nada!

E bateu uma palmada ao de leve na testa.

(*) A Sereta da mythologia russiana.

— Tu percebes, official?
 Kusma Wassiljewitsch esfregou a testa.
 — Por outras palavras: queres que fique tudo em segredo?
 — Sim, sim!
 — Cá por mim não será a duvida; da minha boca ninguém o saberá. Com a condição de que me has de dar um beijo.
 Não... agora não... logo — quando saíres.
 — Forte capricho!
 Kusma Wassiljewitsch estendeu de novo a mão para agarrá-la, ella porém, encolheu-se toda para trás, empinando-se como uma vibora do mato, quando lhe puseram um pé em cima.
 Kusma Wassiljewitsch mirou-a atentamente.
 — Como és esquiua! exclamou por fim. Em summa, o que tu quiseses! — Louvado seja Deus! Colibri ficou pensativa e voltou a aproximar-se do tenente.
 De subito retumbaram pela casa três argoladas surdas e compassadas.
 Colibri desatou a rir, a relinchar de riso, quasi.
 — Hoje não... amanhã... amanhã! Aparece por cá amanhã.
 — A que horas?
 — A's sete... da noite.
 — E a Emilia?
 — A Emilia não estará... a essa hora não estará em casa.
 — Deverás? Então, bem. Mas, tu amanhã, és capaz de me dizer outra vez...
 — Quê?
 (A physionomia de Colibri, quando fazia alguma pergunta, assumia expressão infantil.)
 Mas por que é que tu te escondias de mim?
 — Vai-te... vai-te... amanhã saberás tudo... amanhã...
 — Muito bem, mas vê lá, não te esquece?... hei de trazer-te um presentinho, deixa estar...
 — Não... para quê... não preciso...
 — E por que não?... Vejo que gostas muito de te enfeitar.
 — Não é preciso. Isto... e mais isto... e mais isto...
 E apontava para o vestido, para os aneis, para as pulseiras, em summa, para os seus adornos todos.
 — Tudo isto é meu. Presentes, não... não aceito.
 — Deveras! E mandas-me então embora?
 — Sim... sim!
 Ergueu-se Kusma Wassiljewitsch.
 Colibri ergueu-se tambem.
 — Então, adeus, minha bonequinha! E quando é que me dás um beijo?
 Colibri, de um pulo, agarrou-se ao juvenil tenente, lançou-lhe os braços em volta do pescoço, deu-lhe um beijo, ou, para melhor dizer, uma bicada na boca. Elle, quiz retribuir-lhe o beijo, ella, porém, rapida, deu um salto para trás e abrigou-se com as costas do sofá.
 — Com que então, amanhã, ás sete, disse o tenente um tanto atordoado.
 Ella, acenou-lhe com a cabeça, agarrou com dois dedos as pontas da longa juba, e pôs-se a trincá-la com aquelles seus agudos dentinhos.
 Kusma Wassiljewitsch disse-lhe adeus com a mão, e saiu, fechando a porta.
 No mesmo instante ouviu a Colibri saltar para a porta, e o ranger energico da chave na fechadura.

(Continua)

M. MACEDO.

LICÇÕES DE PHOTOGRAPHIA

Na revista photographica *Camera Craft*, menciona-se, para se obter tons castanhos pelo papel brometo, o seguinte banho:

Preparem-se tres soluções:

I Agua	1000cm. ³
Oxalato neutro de K.....	300gr.
II Agua	1000cm. ³
Chloreto de K	130gr.
III Agua	500cm. ³
Sulphato ferroso	24gr.
Acido citrico	2
Brometo de K.....	2

Toma-se 20 partes de I, 5 partes de II e 5 de III. Os tons tornam-se mais quentes á maneira que se augmenta a proporção da solução II.



DR. JOAQUIM MADUREIRA

IMPRESSÕES DE THEATRO

(Cartas a um provinciano e notas sobre o Joelho)

POR

JOAQUIM MADUREIRA (BRAZ-BURITY)

Editado pela Livraria Ferreira & Oliveira temos ha uns poucos de mezes sobre a nossa banca este livro, unico no genero publicado até hoje em Portugal. E' uma série de criticas de theatro, illustrado de numerosas caricaturas, d'onde se destacam algumas devidas ao lapis do grande Raphael Bordallo.

Grande parte d'essas criticas, senão todas, haviam sido insertas no *Mundo* e já se tornaram apreciadissimas por todos os que se interessam por theatro e gostam que se diga a verdade com toda a sua cruza.

No livro — *Impressões de Theatro* — do Dr. Joaquim Madureira, nota-se a imparcialidade que sempre o preoccupa, e o seu modo d'escrever, cheio de vida e vibrante, o que faz que a sua leitura seja alegre e agradável a um tempo.

O auctor é um dos poucos que sabem fazer critica e que possui o *arrojo* de dizer mal do que lhe não agrada, o que se tem tornado raro, por causa da tal *sociedade do elogio mutuo*, sociedade que conta muitos adeptos.

N'este volume vem incluídas as criticas sobre as primeiras récitas que a eminente artista Vitaliani deu em Lisboa, ácerca de quem o auctor publicou um opusculo muito interessante, e algumas a respeito de Coquelin, Bartet e outros artistas importados pelo Visconde de S. Luiz de Braga, para o elegante theatro D. Amelia.

Das criticas respeitantes aos nossos artistas encontram-se todas as que se referem á época 1903-1904 e muitos apontamentos que são utilissimos para a historia do nosso theatro.

O Dr. Joaquim Madureira promete continuar a publicar annualmente uma série de criticas, e oxalá não se arrependa, porque o seu livro é dos que se recommendam aos que se dedicam e interessam por theatro.

O auctor é um rapaz muito novo ainda, advogado distincto e para os leitores o conhecerem damos aqui um dos *portraits charge* que vem incluídos no *Impressões de Theatro*.

Felicitemos cordealmente o sr. Dr. Joaquim Madureira pelo seu bellissimo trabalho e a Livraria

Ferreira & Oliveira pela esmerada edição, agradecendo simultaneamente o mimo da offerta dos exemplares para o OCCIDENTE e para os signatarios d'estas linhas que Braz Burity relevará pelo pouco que valem, embora a muita sinceridade de opinião que tradusem.

LUIS LIMA e HENRIQUE MARQUES J.^o

XIV-VII-CMV.

UNIÃO VELOCIPEDICA PORTUGUEZA

A' semelhança do que de ha muito existe em outros paizes civilizados, installou-se em Portugal a *União Velocipedica Portuguesa*, que no dia 15 do corrente realisou a sua ultima corrida, entre Lisboa e as Caldas da Rainha.

O ponto de reunião foi no Campo Grande junto ao *chalet* das Canas, ás 7 1/2 horas da manhã, sendo o itinerario o seguinte: partida da Azinhaga do Campo Grande, Portella, Sacavem, Póvoa, Villa Franca, Castanheira, Carregado, Azambuja, Aveiras de Cima, Cercal e Caldas da Rainha, ponto de chegada, sendo a linha de meta á entrada da villa proximo ao Hotel Lisbonense.

A fiscalização do percurso foi feita por cyclists de Lisboa, Alemquer e policia da Azambuja.

Esta corrida despertou grande entusiasmo nos amadores, tendo sido grande a inscripção.

Ganhou o primeiro premio, uma medalha de ouro, o sr. Manuel Ferreira, havendo mais premios de objectos d'arte para os quatro seguintes corredores que chegaram em segundo, terceiro e quarto lugares.



Recebemos e agradecemos:

Os Claudios. — Drama de familia — por Ernest Eckstein — traducção de Annibal d'Azevedo — Lisboa — Viuva Tavares Cardoso — 1905 — Este romance, cuja acção é decorrida na época de Domiciano, faz parte dos livros do genero do extraordinario *Quo vadis?* de Sienkuenvickz. Escripção n'uma forma tensa e elegante, revive esses tempos eivados de grandes riquezas e de grandes crimes. *Os Claudios* é livro commovente, de um entreccho muito curioso. E' um bello livro em toda a acepção da palavra.

A acção decorrida no Circo é magistralmente descripta. E' livro que, como o *Quo vadis?*, repetimos, desperta a attenção do mundo dos intellectuaes e, por isso mesmo, destinado a uma fama universal. A traducção de Annibal d'Azevedo é esmeradissima e dá grande brilho ao trabalho de Ernest Eckstein, que tem já varias traducções d'este livro em quasi todo o orbe terrestre, e que lhe grangeou grande renome.

A edição, n'um volume de 630 paginas, é nitidamente impressa, ficando uma edição á altura do valor litterario da obra.

A Gomes de Carvalho, o gerente da Casa Tavares Cardoso, enviamos os nossos agradecimentos pelo agradável prazer que nos proporcionou com a leitura d'esse magnifico livro, de que nos offereceu um exemplar.

Porto — Empresa Litteraria e Typographica-Editora. — Esta casa editou em 13.^a edição o romance *Amor de Perdição* por Camillo Castello Branco, e em 4.^a, o livro *Contos para os nossos filhos*, por D. Maria Amalia Vaz de Carvalho e Gonçalves Crespo.

Ambos estes volumes se acham ornados com estampas e gravuras, sendo além d'isto o primeiro precedido de scintilantes apreciações devidas ás apuradissimas pennas de Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão e Theophilo Braga.

Amor de Perdição, é uma destas obras que immortalisa um homem e que arranca lágrimas sentidas.

Lendo-a não só se apura o sentimento e aquece a alma, aprende-se também o português com um inimitável mestre da língua, adentra-se o leitor para falar e escrever com correção e pureza.

Contos para os nossos filhos, constitue uma serie de encantos e de graças que um coração de esposa amante e de mãe terna e um marido, poeta inspirado, enfeixaram com carinho e enlevo para divertir e alegrar as creanças.

São prova da riqueza moral de todas as literaturas semelhantes, produções com taes destinos.

Cavatinas — Reis Carvalho (Oscar d'Alva) — Cavatinas. — Poesias (1800-1902). — Laemmert & C., Editores. — Rio de Janeiro e S. Paulo, 1904

Cavatinas é um volume de 96 paginas, em que se canta o amor, infelizmente, não aquêl sentimento do nosso Camões em sonetos que não morrem. O autor não se apresenta como um genio, e isto desculpa-o, entretanto, dada a erudição que revêla e o culto espirito que demonstra, parece-nos que a patria brasileira mais terá que lhe dever no campo das ciencias que na esfera das Musas.

Está nestas palavras a minha opinião franca e leal sobre o volume de versos *Cavatinas*; mas não deduza daqui o autor que eu lhe nego qualquer merecimento.

Tem valor; e a prova vou já dá-la aos leitores na quadra seguinte do soneto intitulado *Bem dita Ausencia*:

A UNIÃO VELOCIPEDICA PORTUGUEZA



MANUEL FERREIRA
1.º Premio

A CORRIDA DE 15 DO CORRENTE ENTRE LISBOA E CALDAS DA RAINHA

«Só pude imaginar, em te não vendo,
Quanto a vér-te mihi alma sempre aspira.
O mal de te não vér foi tão horrendo
Qual fóra docê o bem quando eu te vira.»

D. FRANCISCO DE NORONHA.

A Chronica. — Temos presente o numero 143 d'esta revista litteraria e illustrada com a collaboração inédita dos mais notaveis escriptores portuguezes, dirigida pelo sr. Augusto Abel dos Santos, inserindo os retratos do brioso parlamentar ge-

neral Dantas Baracho, do distincto medico e mavioso poeta Luiz Cebola e da insigne actriz Ernesta Cerri. E' deveras selecta e interessante a sua leitura.

De Bemfica á Quinta do Correio Mór, por G. Pereira. Um

opusculo de 30 paginas em que o sr. Gabriel Pereira faz uma digressão de Bemfica á quinta do Correio-Mór, fazendo breve descripção e historia dos logares que vae percorrendo, com a proficiencia e espirito investigador que caracterizam os seus trabalhos de archeologo consumado.

Falla do Matta, correio-mór, das suas propriedades, da igreja de S. Lourenço de Carnide, da Luz e dos pintores que ali têm suas obras, da infanta D. Maria, da ermida de S. Sebastião, etc.

ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900



Magnifico sortimento de fazendas
nacionais e estrangeiras



R. do Alecrim, 111, 1.º (à P. Luiz de Camões) — LISBOA

CASA BANCARIA

José Henriques Totta

69, 75, Rua do Ouro, 69, 75
LISBOA

NOVIDADE LITTERARIA

TERRA ALHEIA

CONTOS DE MAXIMO GORKI e DE DICKENS — EDGARD POÉ — MAUPASSANT
DAUBET — ANNUNZIO — MALOT — ARENS, ETC.

Traduzidos por Henrique Marques Junior
Prefacios de Brito Rebello e Albino Forjaz de Sampaio

Um elegante volume de bella leitura, illustrado com 24 retratos
300 réis, pelo correio 320 réis

À venda na Empresa do OCCIDENTE, Lisboa
e nas livrarias



MAXIMO GORKI

ROBURINA

MEDICAMENTO PREPARADO POR

JAYME JOSÉ DA COSTA

Pharmacutico pela Escola Medico-Cirurgica de Lisboa

Tonico, reconstituente do systema nervoso, hyperglobulico e alimento de reserva, etc.

Empregado com efficacia, no tratamento da debilidade geral, anemia chlorose, neurasthenia e convalescença das doenças, etc., etc., conforme o provam os attestados dos principaes medicos da capital.

POSOLOGIA. — A *Roburina* toma-se dissolyda em agua. Na falta de indicação especial do clinico, 3 colhéres das de chá por dia, antes de cada refeição.

PHARMACIA JAYME JOSÉ DA COSTA

115, 117, Rua de Andaluz, 119, 121

Telephone n. 1516

LISBOA

Santos Camiseiro

24. PRAÇA DE D. PEDRO. 25 — ROCIO

— LISBOA —

Sempre bom sortido de camisas, camisolas, meias, peugas, gravatas, punhos, collarinhos e muitos outros artigos de phantasia, como botões para collarinhos e punhos, carteiras, malas para viagem e lençaria.

ESPECIALIDADE EM CAMISAS PARA CASACA

(o que ha de mais moderno)

Executa-se toda a rouparia por medida

Atelier Photographique, FRAGA

Largo da Abegoaria, 4 — 66, Rua Serpa Pinto — LISBOA

SUCESSEUR DE MARTINEZ

Travaux photographiques en tous genres; depuis médaillon jusqu'à grandeur naturelle; par les procédés instantanés les plus récents, donnant les meilleurs résultats par les enfants et tous les sujets animés. Poses et effets de lumière artistiques. Spécialité de la Maison *Platinotype & Chromotype*. Archives de 30.000 clichés qui peuvent être reproduits en indiquant l'année et le mois de la pose.

Travaux à domicile. — On parle Français, Anglais & Espagnol

LE DICTIONNAIRE

DES SIX LANGUES

Médaille à l'Exposition Universelle
de Paris de 1900

Français, Allemand, Anglais, Espagnol,
Italien et Portugais

Prix 25 francs ou 1 £

Editeur — Empresa do Occidente — Lisbonne — Portugal

